

DOMUS DEI

Jornal informativo da Paróquia São Francisco de Paula — www.saofranciscodepaula.org.br

JULHO 2007 — ANO I — Nº 01

VERE HIC DOMUS DEI ET PORTA COELI



CAROS LEITORES,

É com grande alegria que apresento a vocês o jornal Domus Dei. É mais um passo que queremos dar dentro do projeto de revitalização de nossa Paróquia. Domus Dei significa Casa de Deus. A expressão é um trecho da frase latina que se encontra na cúpula de nossa Igreja: *Vere hic Domus Dei et Porta Caeli* (De fato aqui é a Casa de Deus e a porta do céu). Esta frase foi tirada do livro do Gênesis, capítulo 28, versículo 17, após Jacó ter tido um sonho no qual ouviu a voz de Deus que dizia: “Vê! Eu estou contigo e te guardarei em toda parte aonde fores e te farei voltar para esta terra e não te abandonarei até eu ter cumprido tudo o que te disse” (Gn 28,15). Assim como Jacó, também nós recebemos essa promessa de Deus, através de seu Filho Jesus Cristo: “Onde dois ou mais estiverem reunidos em meu nome, eu estarei no meio deles” (Mt 18,20).

Então nossa igreja é a Casa de Deus, e queremos torná-la mais conhecida através deste veículo de comunicação. Ele será informativo e formativo, atualizando os leitores em todos os âmbitos da vida da Igreja no mundo, no Brasil, em nossa Arquidiocese de Curitiba e em nossa Paróquia. Também queremos debater assuntos de relevân-

cia social que tragam contribuições na melhoria e qualidade de nossa vida pessoal e em comunidade.

Queremos começar o primeiro número com uma homenagem. Se hoje temos a Igreja de São Francisco de Paula com sua imponência e beleza arquitetônica, é graças a um corajoso sacerdote que resolveu erguê-la como um ato de louvor a Deus e de amor ao povo. Trata-se de Monsenhor Boleslau Falarz, pároco desta igreja de 1947 a 1960. Ele foi o idealizador e o administrador desta maravilhosa obra que hoje usufruímos. Também foi um grande pastor de almas e até hoje é lembrado com carinho pelos paroquianos que o conheceram. Queremos recordar sua pessoa num gesto de gratidão por seu trabalho desenvolvido nesta paróquia, lembrando-nos de sua imagem na capa deste jornal e inaugurando um busto em sua homenagem no interior de nossa igreja.

Agradeço a toda equipe que se dispôs a compor o Jornal Domus Dei e que, de hoje em diante, vai realizar essa missão de expandir a vida desta Casa de Deus para fora de seus muros, fazendo acontecer o que o próprio Cristo nos pediu: “Ide por todo o mundo, pregai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16,15).

Pe. Ricardo Hoepers



Programação do mês de julho

1/7 - Domingo	Missas 8h, 10h e 18h – São Pedro e São Paulo
4/7 - Quarta-feira	14h – Missa no Hospital São Vicente 19h – CPP
6/7 - Sexta-feira	16h – Apostolado da Oração 20h30min – Movimento de Irmãos
8/7 - Domingo	10h – Missa com o Coral Madrigal Vocale 18h – Missa em homenagem a Mons. Boleslau Falarz, com a presença do Arcebispo D. Pedro Fedalto e do Coral Charitas 19h – Inauguração do busto do Monsenhor 19h30min – Lançamento do novo jornal da Paróquia
28/7 - Sábado	17h – Missa Festiva dos Intérpretes

Expediente: Domus Dei — Ano 01 — Nº 01 — Julho 2007 | Publicação mensal da paróquia São Francisco de Paula | Rua Des. Motta, 2500 — Centro — Curitiba — PR

Fone/Fax: 41 3223-7924 | **Edição:** Jubal Dohms — Dohms Comunicação: 41 3323-2251 | **Jornalista Responsável:** Rosemeiry Tardivo - MT/RS Nº 898/06/51

Pastoral da Comunicação: Jacqueline Maria Ferreira — jacquelinemf@terra.com.br | **Colaboradores:** Frei João Bernardes Alves, Ocarm., Lúcia Nórdio, Mônica Gomes da Silva

Revisão: Agostinho Baldin | **Projeto Gráfico:** Luciano Popadiuk — Dohms Comunicação | **Tiragem:** ? exemplares

São Francisco de Paula a Igreja que não acabou

Por Lúcia Nório

A HISTÓRIA da igreja de São Francisco de Paula começou em 1799, então como uma capela erguida no ponto mais alto da Vila, mais próximo de Deus e da visão dos primeiros habitantes e dos viajantes que por ali passavam; o lugar onde é hoje o Alto de São Francisco. Na época existiam apenas três igrejas: a Matriz de Nossa Senhora da Luz de Pinhais (atual Catedral), a de Nossa Senhora do Terço (atual Igreja da Ordem) e a do Rosário, todas em péssimo estado de conservação. Dom Mateus de Abreu, bispo de São Paulo, durante uma visita pastoral a Curitiba constatou a urgência de novos santuários. Em sua passagem pela região hospedou-se na fazenda do coronel Manoel Gonçalves Guimarães, onde fazendeiros vizinhos se dirigiam para rezar o terço e novenas.

A visita do bispo e suas ponderações sobre a precariedade das igre-

jas despertaram no coronel o desejo de erguer um santuário. Para isso foi criada a Confraria de São Francisco de Paula, que recolhia doações devidamente anotadas no Livro de Despesas. Em 1809 ficou pronta uma capela, que deveria dar origem a uma grande igreja. A capela recebeu a bênção episcopal em 1811, na mesma data em que foi entronizada a imagem de São Francisco, esculpida em madeira de lei por um artista desconhecido, assim como desconhecida é sua origem. Provavelmente veio acompanhando algum grupo de imigrantes da Europa, italianos ou portugueses. No altar, a imagem ocupava lugar estratégico, olhar voltado para o céu, mas saía de lá em tempos de seca para guiar os fiéis em procissão. Conta uma lenda que, em seguida ao cortejo, o céu sempre escurecia, ventava muito e uma abundante chuva atingia o vilarejo.



Arquivo

Acima: Antiga capela de São Francisco de Paula em frente das ruínas.
Abaixo: Ruínas no Alto São Francisco, na atualidade



Arquivo

O coronel Manoel Gonçalves Guimarães morreu em 1815, deixando a obra da nova igreja apenas iniciada. No local havia apenas os alicerces em pedra — e assim ficariam ainda por muito tempo. Naquele ano o ambiente religioso andava conturbado, com o clero e a população discutindo sobre a continuidade da obra ou a concentração dos esforços em mais uma reforma na Catedral. A matriz saiu vitoriosa, e a igreja de São Francisco ficou esquecida até 1899, quando chegaram os primeiros franciscanos que a ela se dedicaram até 1901. No entanto, eles se mudaram para a praça Rui Barbosa, onde estão até hoje, e a obra foi novamente abandonada e desta vez em definitivo — ao menos no local original.

Em 1914, por meio de uma permuta com a Prefeitura Municipal, a Diocese ganhou um terreno nas esquinas das ruas Saldanha Marinho e Desembargador Mota e decidiu erguer ali a futura igreja de São Francisco de Paula. A velha capela, ao lado da qual o coronel Manoel Guimarães já havia começado a erguer as bases da nova matriz, acabou sendo demolida. Restaram, como marcas da intenção interrompida, o que hoje são as Ruínas de São Francisco, marco histórico da Cidade de Curitiba.

Paroquianos doaram dois outros lotes contíguos à área permutada com a Prefeitura. No local foi construída uma casa de boas propor-



Igreja italiana Santa Maria de Trastevere, arquitetura que inspirou a Igreja de São Francisco de Paula



Bênção da pedra fundamental por Dom Manuel da Silveira D'Elboux, em 22 de junho de 1953

ções, onde por muitos anos funcionou a Escola Paroquial, dirigida pelas Irmãs de São José. Para a realização dos cultos foi construída uma igreja temporária, de madeira. Foi aí que teve início a devoção a Santa Terezinha do Menino Jesus, cuja escultura permaneceu ali por muito tempo. Em dezembro de 1936, a igreja de São Francisco de Paula foi elevada à paróquia, por decreto de dom Ático Eusébio da Rocha.

CAMPANHA DA MATRIZ

Em março de 1949, o então pároco, monsenhor Boleslau Falarz, deu os primeiros passos para a construção da matriz. Empreendedor, ele chamou alguns paroquianos, explicou a situação e pediu que visitassem todos os moradores da região e oferecessem a eles um carnê mensal de 10 cruzeiros. Aldo e Rute Bertoldi, Oswaldo Guiss e Luiz Modesto Porat, entre outros “apóstolos”, saíam em grupos para as visitas. Oswaldo lembra que a receptividade, em geral, era muito boa, embora houvesse as exceções, como uma velha senhora que os mandou “pedir ao Papa!!!”, recorda, aos risos. O grupo também se encarregava de fazer as cobranças, para não gerar despesas extras à paróquia. “O monsenhor tinha idéia fixa: tudo pela paróquia e para a paróquia” — lembra Oswaldo.

No começo, as obras foram tocadas graças a festas e quermesses, nas quais eram leiloadas as guloseimas doadas (frangos, pastéis, quibes, bolinhos de polvilho, entre outros petiscos). A continuidade da construção, porém, parecia extenuar o monsenhor, que em cartas ao hoje arcebispo emérito de Curitiba, dom Pedro Fedalto, então seminarista em São Paulo, dava notícias de seu projeto: “a paróquia anda em movimento regular, agora um tanto alvoroçada pelo lançamento da campanha pró-construção da nova matriz. (...) Quando começaremos? Só Deus sabe! Quando tivermos quinhentos mil cruzeiros em mãos. Espero que isso aconteça daqui a dois anos”.

Dois anos depois, no final de 1951, o seminarista Pedro receberia mais uma carta de monsenhor Falarz dando conta do atraso das obras: “ainda não pude começar a construção da igreja porque o arquiteto não terminou a planta. Será uma parada difícil”.

Só em 1953, em outra carta ao então jovem seminarista Pedro Fedalto, o monsenhor comunicaria o começo da obra, ainda que marcada por dificuldades: “nossa matriz está subindo muito devagar devido à falta de verba. O que tínhamos já terminou. A luta é séria e só um milagre não permitirá que estacionemos os

FORAM REITORES DA IGREJA

1914 - 1922: Padres Lazaristas do Seminário Diocesano

1923 - 1928: Pe. Jerônimo Mazarotto

1929: Pe. Eurípedes Olímpio de Oliveira e Souza

1930 - 1936: Freis Franciscanos

PÁROCOS:

1936 - 1938: Frei Gil Maria Wanderley Lima, OFM

1939: Frei Vital Pires de Oliveira Dias, OFM

1939 - 1941: Frei Graciano Stute, OFM

1941 - 1943: Frei Ansgário Moch, OFM

1943 - 1947: Pe. Isidoro Micosz

1947 - 1960: Mons. Boleslau Falarz

1960 - 1972: Pe. Irineu Kowalski

1972 - 2002: Pe. Izakson Krasinski

2003: Atual pároco - Pe. Ricardo Hoepers



Arquivo

Padre Boleslau realizando batismo de um grupo de crianças japonesas residentes na paróquia, em 1955

trabalhos”. E apelava a seu pupilo: “Reze para que São Francisco nos alcance este milagre!”.

Para erguer a matriz, a velha igreja de madeira foi demolida, e as missas, transferidas para o Colégio Sion. Foi por pouco tempo, porque já em 1954, com a cripta da igreja pronta (construção subterrânea) os cultos voltaram a ser celebrados ali. As obras tampouco impediram a celebração de casamen-

tos, e os primeiros noivos foram justamente Aldo e Rute Bertoldi. Fiéis paroquianos até os dias de hoje, eles contam que o ambiente em construção, repleto de tijolos, areia e cal, rendeu muitas críticas de amigos que lhes sugeriam outras paróquias, como a tradicional Santa Terezinha. Irredutíveis, não restou aos amigos outra alternativa senão apoiá-los. Luiz Porat, também ainda frequentador assí-

duo da paróquia, decidiu decorar o local. Hoje ele dá risadas de sua idéia, classificando-a de cafona, no que é contestado pelo casal e Oswaldo Guiss. Eles contam que na entrada do “templo em obras” os convidados se depararam com as letras R e A feitas com hortências. Os bancos foram decorados com flores da época e o altar, com imagens de Nossa Senhora das Vitórias e Santa Inês, trazidas de outras paróquias.

Da cerimônia, eles também se recordam divertidos da “audácia” de Modesto Porat: ele enfrentou o então padre Jerônimo Mazarotto, pároco de Santa Terezinha, e pediu emprestado o “pomposo tapete vermelho” usado nos casamentos da tradicional igreja. “O que eu queria era que a Rute e o Aldo em vez de pisarem em pedras e areia, desfilassem sobre o tapete”, explica, divertido.

De qualquer maneira, dona Rute e seu Aldo não se arrependeram de sua determinação, e dizem que a igreja em construção foi inspiração para que eles também pudessem construir uma feliz trajetória de 53 anos de companheirismo e felicidade, que rendeu dois filhos e quatro netos.

OBRA SEM FIM

Finalmente, em 1961 a nova matriz recebeu a bênção episcopal, mas ainda faltava a sagração. Esta foi feita por meio da Cerimônia de Dedicção, que requer algumas condições, como a construção de um altar fixo, 4 ou 12 cruzeiros na coluna, representando os evangelistas, e que sejam regularizadas a liturgia e os sacramentos. Somente com a sagração do altar é que a igreja é **dedicada**, ou seja, o local só pode ser usado para cultos religiosos. Isto só aconteceu em 2006, ao término da restauração feita pelos arquitetos Dirceu Contti e Cláudio Forte Maiolino. A Missa Solene deste 8 de julho, portanto, vai marcar algumas datas especiais: a bênção do busto do monsenhor Boleslau Falarz, os 60 anos de sua chegada à paróquia e um ano da Dedicção da Igreja e da Sagração do Altar.

O arquiteto Contti, ao entregar a igreja restaurada, fez referência às várias fases da construção, observando que as obras da São Francisco de Paula “nunca chegaram a ser inteiramente concluídas”. O que parece dar razão às pessoas que identificam a igreja como “aquela bonita, que tem um estilo diferente e que está

Arquivo



Laje principal e colunas durante a construção da nova igreja matriz, no final de 1953

sempre em obras”. Talvez não seja obra do acaso. A pesquisadora Vera Regina Biscaia Vianna Baptista, no livro “Ruínas de São Francisco: dois séculos de história e mito”, arrisca que o projeto “nunca foi concluído por desejo do próprio Santo, que em sua humildade não faz questão de um templo grandioso”. De maneira bem-humorada, a situação também pode ser explicada pelo milagre que monsenhor Falarz pediu ao então seminarista Pedro Fedalto que rogasse a São Francisco: “a luta é séria e só um milagre não permitirá que estacionemos com os trabalhos. Reze para que São Francisco nos alcance este milagre”, escreveu em 27 de agosto de 1953. Parece que foi atendido.

O pároco atual, padre Ricardo Hoepers, desde 2003, é o responsável pelas obras da Paróquia São Francisco de Paula, no que parece ser a sina daquele templo. “E não serei eu a terminar, porque ainda há muito o que fazer”, diz, conformado. Para o religioso, “talvez o que São Francisco esteja nos mostrando é que seu templo tem tudo a ver com o ser humano, cuja construção é permanente”.

PATRIMÔNIO HISTÓRICO

A igreja de São Francisco de Paula é considerada patrimônio religioso de grande valor histórico e cultural, com sua beleza arquitetônica, de estilo Basilical Românico, reconhecida como Unidade de Interesse de Preservação (UIP). “É o século XII na época atual”, como monsenhor descrevia o projeto ao seminarista Pedro Fedalto, em carta de maio de 1949.

Com térreo, pavimento superior, galerias e coro e mais a torre de 40 metros, o templo tem uma área construída de 2.474,00 m². A parte interna é bem trabalhada, com teto de estuque plano na nave, capela-mor com teto em abóbada, grandes vitrais, além de tribunas laterais e, ao fundo e de frente para o altar, o espaço para o coro, com órgão. O conjunto externo é marcado pela torre única, pelas estátuas dos profetas, pelas grandes colunas e as escadarias, que a elevam acima do nível da rua.

Na cúpula, a inscrição em latim *Vere hic Domus Dei et Porta Caeli* (De fato aqui é a Casa de Deus e a porta do céu). Possivelmente era o que monsenhor Falarz queria dizer quando explicava ao seminarista Pedro Fedalto a razão da escolha de um modelo diferente das demais (igrejas) de Curitiba e do Paraná: “Creio que o estilo salva a piedade e o recolhimento, essenciais num tempo sagrado”.



Primeira comunhão em frente da construção da nova matriz, em 1955

Arquivo

Linha de tempo

- 1799** Capela começa a ser erguida onde hoje é o Alto do São Francisco.
- 1809** Fica pronta a capela que deveria dar origem a uma grande igreja.
- 1811** A capela recebe e bênção episcopal. Entronizada a imagem de São Francisco, esculpida em madeira de lei.
- 1815** Paralisação nas obras nos alicerces, com o falecimento do coronel Manoel Gonçalves Guimarães e a concentração de esforços em nova reforma da Catedral.
- 1899** Chegam os primeiros franciscanos e retomam a obra.
- 1901** Franciscanos mudam-se para a praça Rui Barbosa; a obra é abandonada em definitivo – naquele local.
- 1914** Permuta com a Prefeitura Municipal viabiliza o terreno nas esquinas das ruas Saldanha Marinho e Desembargador Mota. A velha capela é demolida, surgem as Ruínas de São Francisco, marco histórico da cidade.
- 1936** A igreja de São Francisco de Paula é elevada a paróquia, por decreto de dom Ático Eusébio da Rocha.
- 1947** Monsenhor Boleslau Falarz, assume como pároco.
- 1949** Monsenhor Boleslau Falarz, o então pároco, dá os primeiros passos para a construção da matriz, com a ajuda Aldo e Rute Bertoldi, Oswaldo Guiss e Luiz Modesto Porat e outros “apóstolos”.
- 1953** Início da obra “subindo devagar por falta de verba”.
- 1954** A cripta fica pronta e os cultos voltam a ser celebrados ali. Desde que a velha igreja de madeira foi demolida, as missas foram transferidas para o Colégio Sion.
- 1961** A nova matriz recebe a bênção episcopal; a sagração ainda não ocorre.
- 2003** Padre Hoepers assume a paróquia e a responsabilidade pelas obras.
- 2006** Conclusão da restauração executada pelos arquitetos Dirceu Contti e Cláudio Forte Maiolino.

Monsenhor Falarz há 60 anos, presença viva na comunidade de São Francisco

Por Lúcia Nório

MONSENHOR Boleslau Falarz foi pároco da Igreja de São Francisco de Paula de julho de 1947 a 1960. Foi dele a idéia de construir uma paróquia de estilo diferente das que já existiam no Paraná. Inspirou-se no século XII para buscar um modelo de templo que definia como “ousado, de arquitetura estilizada”. Às vezes é preciso revolucionar um pouco, mas no bom sentido — explicava.

O hoje arcebispo emérito de Curitiba, dom Pedro Fedalto, por ocasião de sua ordenação sacerdotal recebeu de monsenhor a recomendação de que “a perfeição no sacerdócio deve ser buscada incessantemente, até a consumação final”. Nas cartas que escrevia ao então seminarista, que estava em São Paulo, monsenhor orientava que se preparasse bem no manejo da palavra e se tornasse um orador inflamado, porque “o povo gosta de entusiasmo”.

Dom Pedro disse que nunca entendeu porque monsenhor Falarz não chegou a bispo: “é difícil saber os segredos de quem se torna um bispo, nem eu sei”, diz. Para ele, monsenhor Falarz distinguiu-se por sua fé, sua fidelidade e comprometimento com a Igreja. “Ele era especial, muito generoso. Meu pai me mandava mesada para as despesas em São Paulo e monsenhor sempre complementava, preocupado com meus estudos”, conta. Quando chegou o momento da ordena-

ção, convidou-o para seu assistente presbiterial. “Era visível o orgulho que sentíamos um do outro”.

Nos dias que antecederam a solenidade, monsenhor Falarz, entusiasmado, escreveu ao seminarista: “já está perto o grande dia! Enfim passaram os anos que pareciam tão longos. É

**Dom Pedro Fedalto
o define como
“tendo sido um
verdadeiro homem
de Deus,
talvez aquele que
na Arquidiocese
de Curitiba mais
se tenha aproximado
daquilo que defende
o papa Bento XVI”**

assim tudo neste mundo! Estou certo que suas preocupações irão aumentando por estes dias, mas não deixe de rezar intensamente”. A ordenação — costumava dizer aos novos sacerdotes — “é o ápice de uma grande transformação que veio se efetuando durante anos. Quase como a missa que vai se desenrolando, liturgicamente, até a consagração”.



Monsenhor Boleslau Falarz em 1954

Arquivo



Dom Manuel na solenidade de bênção da pedra fundamental (de braços cruzados, o senhor Oswaldo Guiss), em 22 de julho de 1953

Dom Pedro o define como tendo sido um verdadeiro homem de Deus, talvez aquele que na Arquidiocese de Curitiba mais se aproximou do que defende o papa Bento XVI ao dizer que “um sacerdote deve ter a boca de Deus que consagra, mãos de Deus que consagram, absolvem e curam, e coração e pés de Deus que levam a Mensagem”.

Padre Ricardo Hoepers, atual pároco da Igreja de São Francisco de Paula diz que cada vez que celebra uma missa, reza por monsenhor, agradecido por sua inspiração “de edificar um templo tão magnífico, que marcou e ainda marcará o coração do povo com sua grandeza de alma”.

Monsenhor Falarz foi dinâmico, sempre empenhado na construção da igreja e das pessoas. É assim que os paroquianos se lembram dele. Dentre os inúmeros adjetivos com que os paroquianos, que com ele conviveram, o qualificam se destaca “paternal”. Dispensava a todos um tratamento muito além do de pároco, gostava de fazer visitas, tomar um café e saber das dificuldades de cada um. Se não pudesse resolver a questão, sua presença, suas orações e orientações estavam sempre à disposição. Até dinheiro ele costumava emprestar, desde que o paroquiano se comprometesse a pagar no dia marcado. “Homem de muita disciplina e econômico”, lembra a paroquiana Rute Bertoldi. “Ele derretia restos de vela para fazer outras novas”.

Rute conta que perdeu três filhos durante a gestação. Quando ficou grávida novamente, o clima na família era de muita apreensão. “Monsenhor pedia que me unisse a ele em oração, porque desta vez tudo daria certo. Ligava para minha casa todas as noites, sempre no mesmo horário, e me pedia que o ajudasse na fé e na certeza dos projetos de Deus. Era o que eu precisava para me sentir segura. Hoje tenho uma linda filha”, conta.

São muitas histórias para lembrar — diz a paroquiana. “Em uma situação que não quero detalhar, agi de acordo com a orientação que ele me deu e posso dizer que consegui um verdadeiro milagre”. Rute mandou fazer uma placa de agradecimento e a colocou no túmulo do monsenhor.

O paroquiano Luiz Modesto enfatiza essa preocupação que o religioso tinha em criar e manter o vínculo familiar na comunidade. “Foi um trabalho tão consistente que muitos se relacionam até hoje como se tivessem laços consanguíneos. São amizades que já duram mais de meio século” — constata.



Oswaldo Guiss e o atual pároco Pe. Ricardo Hoepers

“Ele era um sonhador, mas nos ensinava que era possível transformar sonhos em obras”, recorda Ketí Doff Sota, referindo-se ao espírito empreendedor de monsenhor Falarz

Divanir Moro Zagonel refere-se a monsenhor como “homem de personalidade fortíssima”. Orientava até as leituras dos paroquianos. “Certa vez, compramos uma coleção de Balzac, e como ele não achou apropriado, devolvemos. Ele levava tudo muito a sério. Era muito mais que padre, era um grande amigo”, diz. Ketí Doff Sota se recorda do espírito empreendedor de monsenhor Falarz: “ele era um sonhador, mas nos ensinava que era possível transformar sonhos em obras”.



Senhor Luiz Porat, incansável obreiro da paróquia São Francisco de Paula



Dom Moacyr Vitti no momento da sagração do novo altar, na cerimônia de dedicação, em 2006

Havia também aqueles que o tratavam com frieza, que resistiam a fazer parte desse “pertencer”. Monsenhor oferecia a eles seu silencioso apoio. “Como um bom pastor, como um verdadeiro pai, estrategicamente dava um jeito de a pessoa saber que podia contar com ele” — lembra Luiz Modesto. Muitos reclamavam dos sermões, que achavam longos demais. “É verdade, mas tinham conteúdo, era muito bom ouvi-lo falar” — defende Oswaldo Guiss, um dos mais ativos paroquianos da São Francisco de Paula. Chegou aos 80 anos celibatário, numa vida toda dedicada ao serviço da igreja e ao próximo.

Aldo Bertoldi, na época começando sua vida profissional, diz que monsenhor “juntava” tudo o que dizia respeito a seu trabalho e ia até sua casa para partilhar. Inclusive lia diariamente a coluna do falecido jornalista Dino Almeida para checar se algum paroquiano tinha sido destaque e parabenizá-lo. “Eu estava numa fase boa profissionalmente e sempre que era publicado algo a meu respeito ele comemorava e me incentivava a prosseguir meus projetos de vida”.

Aldo conta que aos 62 anos monsenhor decidiu aprender a dirigir. Comprou um fusca e pediu-lhe que o ajudasse com algumas aulas de direção. “Ele parecia uma criança feliz com um brinquedo novo, só que levou o novo desafio a sério e logo se tornou um bom motorista” — lembra.

Monsenhor Falarz foi também pároco de diversas igrejas e ocupou inúmeros cargos na Arquidiocese de Curitiba. Dom Pedro Fedalto lembra, divertido, que sempre que ele era designado para preparar uma paróquia, tratava logo de construir a casa paroquial. Isto porque achava que os fiéis se unem para a construção da igreja, nunca para construir uma casa paroquial. “Não se importava com a precariedade da igreja, podia até ventar e chover dentro, porque seria até motivo para que todos se empenhassem” — diz Dom Pedro.

Nos registros da Cúria Metropolitana de Curitiba está um pouco da história do monsenhor Boleslau Falarz. Nasceu no dia 27 de setembro de 1913, no bairro da Órleans. Aos 14 anos foi estudar no seminário de Curitiba. Tornou-se diácono em 1937 e sua ordenação sacerdotal aconteceu em 16



Pe. Wilson entrega a Ruth e Aldo Bertoldi a foto de seu casamento, realizado há 50 anos, com a igreja ainda em construção

de abril de 1938. Exerceu os cargos de Chanceler do Arcebispado (1940-1947), Vigário Cooperador da Catedral (1940-1947), diretor da Doutrina Cristã, diretor da Federação das Filhas de Maria, assistente da Ação Católica (1940-1957). Foi promotor da Justiça e Defensor do Vínculo do Tribunal Eclesiástico de Curitiba (1951), examinador Pró-Sinodal (1955). Em novembro de 1952 foi escolhido para integrar os primeiros cônegos catedráticos do Cabido de Curitiba. Foi elevado ao Monsenhorato em 1957, diretor da Obra das Vocações Sacerdotais (1960), foi diretor Arquidiocesano da Cruzada Eucarística Infantil (1961), Cura da Catedral Metropolitana (1962), presidente do Cabido Metropolitano e do Tribunal Eclesiástico, pároco das igrejas de São Braz (1973- 1976), São Pio X (1977-1978) e Santa Maria Goretti (1978), tesoureiro da Mitra Arquidiocesana (1973-1980) e Vigário Geral da Arquidiocese de Curitiba, de 1967 até sua morte, em 1980.

Dom Pedro acompanhou toda a trajetória de monsenhor Falarz na igreja de Curitiba até sua morte. Ele lembra que os problemas de saúde começaram em 1973, quando ele sofreu um ataque cardíaco. Recuperou-se bem, mas em julho de 1977 o quadro se

agravou e ele passou por uma delicada cirurgia cardíaca. O pós-operatório foi complicado e um forte sangramento levou-o de volta à mesa de operações. A partir daí sua saúde ficou debilitada, e uma tosse constante o incomodava, mas ele cumpria fielmente todas as suas funções. “Quando estávamos em plena preparação para receber a visita do papa João Paulo II ele foi internado. No dia 4 de julho de 1980, reclamou de dores no peito e foi levado ao Hospital do Coração para realizar alguns exames, que não acusaram nada de grave. No dia 5 de julho, ele foi um dos padres que recepcionaram o papa João Paulo II, jantando com ele na Cúria Metropolitana. “Estava abatido, mas visivelmente feliz com a presença de Sua Santidade”, recorda dom Pedro.

Na tarde do dia 6 de julho seu estado de saúde piorou. Dom Pedro chamou um médico que o examinou e recomendou repouso. Por volta das 22 horas o arcebispo foi vê-lo em seu quarto, mas estava dormindo. De madrugada, monsenhor voltou a passar mal e foi internado no Hospital do Coração. Seu estado era tão frágil, que dom Pedro ministrou-lhe a extrema-unção.

No dia seguinte, enquanto celebrava uma missa, dom Pedro foi informado da morte monsenhor.

Seu corpo foi velado na Igreja São Francisco de Paula, que permaneceu lotada durante todo o dia. Muitos fiéis vieram de várias paróquias para se despedir do sacerdote. No final da tarde foi concelebrada uma missa de corpo presente, presidida por dom Pedro Fedalto, com a participação dos bispos dom Jerônimo Mazarotto, dom Albano Cavallin, dom Agostinho Marochi, mais os bispos ucranianos e 83 sacerdotes. Após a missa, o corpo foi levado para a Igreja da Órleans onde, atendendo a seu pedido, foi cantado, em latim, o texto *Libera me*.

Monsenhor está sepultado no cemitério da Órleans, no túmulo do Clero Secular.

Padre Aurélio Falarz, filho de seu irmão Antonio Adão Falarz, diz que a recordação que tem do tio é a de um homem com forte espírito de serviço e humildade. Foi essa humildade que talvez o tenha levado a pedir, apesar dos tantos cargos desempenhados em sua vida religiosa, que em seu túmulo constasse apenas a seguinte inscrição: “Boleslau Vicente Falarz, sacerdote”.



Imagem centenária de São Francisco de Paula

Nossa Senhora do Carmo Mãe de todas as vocações

Frei João Bernardes Alves, Ocarm.

MARIA É A HUMILDE serva de Deus que, com seu sim, acolhe o Mistério do Amor Divino em seu seio. Com isso, Ela se torna Mãe do Filho de Deus (cf. Lc 1,32). Isto mostra, por parte dessa mulher, uma atitude plena de confiança em Deus e seu plano de salvação da humanidade. Esta atitude de confiança é descrita, de forma ao mesmo tempo profundo e também simples, em seu canto *Magnificat* (Cf. Lc 1, 46-55).

Como a humilde serva que se deixa renovar pela ação do Espírito Santo em seu ser, Maria viveu a união plena com Deus em Cristo, o Verbo eterno do Pai. Por isso, ouvir o chamado de Deus e dizer sim a sua vontade é seguir o exemplo de Maria. Este gesto livre e incondicional por parte dela diante de Deus a torna Mãe e modelo de todas as vocações, sacerdotal, religiosa ou familiar.

A Ordem do Carmo, desde o começo do século XIII, venera Maria com o título de Nossa Senhora do Carmo e a tem como Mãe e Patrona. Foi ao longo da história que os carmelitas experimentaram a presença solícita de Maria em sua vida. Ela, Mística Estrela do Mar, protege, reveste e guia seus filhos pelo caminho que conduz à alegria do encontro transformador com Deus. Maria como a primeira a viver a unidade com Deus em seu

Filho, ajuda também a cada um de nós a descobrir a beleza do chamado. Ampara também seus filhos na subida até o cimo do Monte, que é Jesus Cristo.

Um dos sinais visíveis desta proteção materna de Maria é o Escapulário. Com ele somos revestidos com a proteção de Maria diante das dificuldades da caminhada rumo a seu filho Jesus. Também o escapulário nos lembra constantemente nosso sim dado a Jesus de construção de um mundo novo, um mundo onde o Reino de Deus se faz presente. Neste caminho de transformação, Maria, peregrina na fé, é a imagem do que seus filhos desejam ser na Igreja: pessoas de oração no meio do povo em obséquio de Jesus Cristo.

Que todos nós, chamados ao discipulado de Jesus, possamos viver nossa vocação a partir de uma relação de amor com Maria, presente, assim como em Pentecostes, na vida pessoal e fraterna. Lembrando sempre esta Mãe espiritual que nos acompanha em nosso crescimento até a plenitude de Cristo, rezemos constantemente a oração de São Simão Stock, pela qual ele teve a graça de receber das mãos de Maria o Escapulário: Flor do Carmelo, videira florescente, esplendor do céu, Virgem fecunda e singular. Mãe afável, Mãe sempre virgem, a vossos filhos sede propícia, ó Estrela do Mar. Aleluia!



Divulgação

Igreja Católica considera a poluição um pecado grave

ROMA – O presidente do Pontifício Conselho de Justiça e Paz, cardeal Renato Raffaele Martino, afirmou que quem destrói o meio ambiente “comete um pecado grave”, em entrevista publicada ontem pelo jornal “Il Messaggero”.

O cardeal Martino explicou na entrevista o ponto de vista da Igreja Católica sobre a destruição ambiental, que considera um “insulto a Deus”.

“Jogar uma sacola de lixo na rua é um pecado venial. Mas quem destrói a Amazônia comete uma ofensa grave. Destruir o grande pulmão verde, que é a floresta amazônica, pre-

judica toda a humanidade e não só a população local”, explicou Martino.

O cardeal anunciou que o Conselho está estudando a criação de um documento sobre o meio ambiente. Ele comentou ainda que a Igreja Católica sempre mostrou preocupação com o planeta e que no Catecismo se lê que “a terra e seus bens são um dom que o homem pode usar, melhorar, mas não destruir”.

O bispo explica que para defender o meio ambiente “é necessário mudar o estilo de vida, sobretudo no Ocidente”.



Nikita Golovanov/SXC

“A mudança tem que começar com um novo caminho educativo, começando pelas escolas. Falta educação ambiental em todos os níveis e a percepção das consequências da poluição”, acrescentou.

Vaticano publica 10 Mandamentos da Estrada

Agência Ecclesia

O CONSELHO PONTIFÍCIO para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes (CPPMI) publicou hoje os «10 Mandamentos» da Estrada, manifestando a sua preocupação pelos milhões de mortes e feridos provocados pelos acidentes rodoviários em todo o mundo.

O primeiro desses “mandamentos”, significativamente, é “não matarás”.

No novo documento desse organismo vaticano, que apresenta “Orientações para a Pastoral da Estrada”, são recordados os 50 milhões de feridos e 1,2 milhão de mortos que, em todos os anos, são vítimas dos acidentes nas estradas de todo o mundo “na sequência de transgressões e da negligência” no cumprimento das regras de trânsito.

O Vaticano considera que esta “é uma triste realidade e, ao mesmo tempo, um grande desafio para a sociedade e para a Igreja”.

Para fazer face a esse drama, como referiu o Cardeal Renato Martino, presidente do CPPMI, aos condutores, pede-se “controle sobre si próprios, cortesia, prudência, espírito de serviço e conhecimento das normas do Código de Estrada”.

Em conferência de imprensa, este responsável lembrou que, ao longo do século XX, estima-se que tenham morrido 35 milhões de pessoas nas estradas de todo o mundo, a que se somariam mais de mil milhões de feridos.

Nesse sentido, pediu que sejam evitadas atitudes como “ultrapassagens perigosas”, às quais o documento acrescenta “a falta de cortesia, gestos indelicados, palavrões e blasfêmias”.

A utilização da estrada, indica o CPPMI, pode ajudar a exercer “virtudes cristãs”, como “a prudência, a paciência e a caridade”.

O Decálogo dos condutores

- I. Não matarás
- II. A estrada deve ser um instrumento de comunhão, não de danos mortais
- III. Cortesia, correção e prudência ajudar-te-ão
- IV. Sê caridoso e ajuda o próximo em necessidade
- V. O automóvel não seja para ti expressão de poder
- VI. Convince os jovens a não conduzirem quando não estão em condições de o fazer
- VII. Apóia as famílias das vítimas dos acidentes
- VIII. Procura conciliar a vítima e o automobilista agressor, para que possam viver a experiência libertadora do perdão
- IX. Na estrada, tutela a parte mais fraca
- X. Sente-te responsável pelos outros



Sou Católico Vivo a minha Fé

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) publicou neste ano o livro “Sou Católico — Vivo a minha Fé”, que se constitui em grande subsídio, destinado a ajudar os católicos e todas as pessoas interessadas em conhecerem melhor os fundamentos da fé e da vida cristã. O texto traz exposições breves e essenciais sobre aquilo em que os católicos crêem, como rezam e como são chamados a viver, em conformidade com sua dignidade de cristãos e membros da igreja.

Nosso Domus Dei, cumprindo sua missão de informar e evangelizar, passa a partir desta primeira edição a reproduzir o texto desta publicação, de forma a disseminá-los e levar seus ensinamentos ao maior número possível de pessoas.

Ser Católico é crer em Deus Pai, Filho e Espírito Santo.

O AMOR DO PAI está na origem de todas as coisas, na origem do universo e da vida humana. Pela vida, morte e ressurreição de Jesus somos resgatados e redimidos do pecado e de todo o mal; na força do Espírito Santo, participamos para sempre da ressurreição de Jesus. Nossa vida é salva por Jesus Cristo, vivo no meio de nós, presente em seu corpo, que é a igreja.

Nosso Deus, em seu mistério mais íntimo, é Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo, é família, e nós somos chamados, como membros da Igreja Católica, a fazer parte desta família, recebendo o batismo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Jesus, Verbo feito homem, nos revela, hoje, como revelou a seus apóstolos, o amor do Pai e a graça do Espírito. Jesus é a própria presença de Deus, que nos surpreende com seu amor e nos chama a segui-Lo. Por meio de sua paixão, morte, ressurreição e ascensão ao céu, o mal, o pecado e a morte são vencidos, e abre-se a fonte da esperança e da vida para todos. Por meio de seu Espírito nos tornamos novas criaturas, que participam de sua vida sem fim.

Nossa fé católica não é apenas uma doutrina, mas é uma fonte experiência viva da presença do Espírito em nossas comunidades, vivendo em comunhão no amor de Deus Pai, Filho e Espírito Santo.

Ser católico é alimentar a fé na fonte da Revelação Divina, através da Tradição, da Sagrada Escritura e do Magistério da Igreja.

A FÉ CATÓLICA tem sua origem na revelação divina. Seu conteúdo chegou até nós através da Igreja, por meio de três grandes canais. Em primeiro lugar está a transmissão à viva voz. Trata-se de uma herança transmitida de geração em geração. Falamos da grande Tradição que, de modo vivo e comunitário, transmite a riqueza de todo o que cremos e professamos como católicos, em sintonia com todos os fiéis, que viveram esta mesma fé ao longo destes dois milênios de cristianismo, muitos dos quais hoje já estão no céu.

Para assegurar a autenticidade do conteúdo da fé ao longo dos tempos, o próprio Deus inspirou pessoas para colocarem por escrito os dados fundamentais da revelação de seu amor. Assim, na profissão de nossa

fé, se condensa todo o conteúdo da Sagrada Escritura, desde o Antigo ao Novo Testamento. A Tradição e o Magistério da Igreja nos apresentam o elenco dos Livros Sagrados aceitos, e nos ajudam na interpretação autêntica deles.

Além disso, o Magistério da Igreja, assistido pelo Espírito Santo, nos orienta, de modo seguro, na vivência de nossa fé, na alegria da esperança e da caridade. Ajuda-nos a compreender que nossa fé não é simplesmente subjetiva e individual. Ela é comunitária, não só porque é partilhada com os outros e vivida em união com eles, mas também porque é um dom do Espírito Santo, concedido a todos os que a professam e dão testemunho de Jesus Cristo.

Ser católico é viver a fé como adesão a Jesus Cristo e obediência a sua Palavra.

NÃO SOZINHOS, mas como membros da Igreja, que guarda a memória de Jesus, celebra sua presença de Ressuscitado e o anuncia a todos os seres humanos.

Esta Igreja é nossa mãe. Ela nos transmite o dom da fé. Gera-nos como novas criaturas nas águas do

batismo. É ela que nos alimenta com a Eucaristia — o Pão da vida. Ela é nossa mãe e também mestra, pois nos ensina a Palavra de Deus e o caminho de Jesus Cristo.

Amamos a Igreja porque ela é um dom de Deus para nós. É povo reunido na unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Ela é rica de muitas dádivas de Deus: a Eucaristia, presença do Ressuscitado, que nos alimenta com sua Palavra e com seu corpo e sangue; o papa, os bispos e os padres, que continuam a missão dos Apóstolos, os primeiros pastores e missionários, designados pelo próprio Jesus. Maria, mãe de Jesus, a primeira de seus discípulos e discípulas, mãe do Fundador do novo Povo de Deus. Por isso mesmo, os católicos a invocam como Mãe da Igreja; os santos e santas, que foram grandes cristãos e agora alegam e confortam a Igreja. Cada batizado foi enriquecido de dons divinos para os irmãos e irmãs e para a comunidade toda.

Ser católico é procurar percorrer, com o auxílio da graça, o caminho novo das bem-aventuranças proclamadas por Jesus: fraternidade, justiça, paz, pureza de coração, santidade de vida.

Dízimo: Compromisso de fidelidade do Cristão

Somos obrigados a contribuir com 10%?

Não, não somos obrigados, nós devemos contribuir com o que mandar nosso coração e exigir nossa consciência, mas não esquecendo quantas bênçãos recebemos de Deus: saúde, família, casa, trabalho, dons, bens materiais e muito mais. É justo que devolvamos a Deus parte de tudo o que Dele recebemos.

O dízimo é só do pai ou é para todos?

O dízimo é familiar, no entanto é bom que cada membro da família faça a opção e leve seu dízimo. Mesmo os mais jovens, para aprenderem desde cedo a separar a parte de Deus, isso ajuda na perseverança e, quando adultos, não precisarão se converter ao dízimo, já que ele faz parte de sua vida como prática natural.

Nossa missão é atender às três dimensões do dízimo: Social, Religiosa e Missionária.

Quem é dizimista já está salvo?

Não, o dízimo não compra a salvação de ninguém, mas se é uma oferta espontânea, livre e alegre, generosa e familiar, consciente e sistemática e, se dado com sinceridade no coração e em espírito de fé, pode e muito contribuir para que a alcancemos.

O dízimo é uma atitude de amor?

Sim, contribuir com o dízimo é uma atitude de amor que brota no coração de quem sabe ser grato a Deus. O coração egoísta é fechado para dar e, em consequência, também fechado para receber. Só quem é generoso e não tem medo de partilhar o que possui, mesmo quando tem pouco, é que está aberto para acolher os benefícios de Deus e assim vencer o egoísmo.

Com o dízimo ajudamos a Igreja a cumprir sua missão?

Sim, contribuir com o dízimo é participar da grande missão da Igreja, a evangelização. Quem oferta o dízimo com consciência e fé torna-se evangelizador mesmo que não possa ou não saiba anunciar a palavra de Deus. O próprio ato de contribuir com o dízimo já é um ato evangelizador.

Que destinação se dá ao dízimo?

O dinheiro arrecadado com o dízimo é investido na própria comunidade. Parte dele vai para a manutenção da igreja, das salas de catequese, do salão e casa paroquial; outra parte para as despesas com o culto (a liturgia), como velas para o altar, os cálices, hóstias, os livros, etc. e na catequese é utilizado tanto na aquisição de material, como também na formação das catequistas, além da assistência e a promoção dos mais pobres, colaboração ao Bispado, Seminário e outras comunidades carentes.

Como os pobres são ajudados com o dízimo?

Os mais carentes são ajudados pelo dízimo de duas maneiras: pela assistência (doação em dinheiro, alimentos, medicamentos, etc.) e pela promoção (realização de cursos de alimentação alternativa, medicação caseira, educação, etc.) tão ou mais importante que a primeira, pois é através da promoção humana e não tão somente com o assistencialismo, pois a promoção humana vai além do dar, procura conhecer as causas, desenvolve um trabalho conjunto para eliminá-las. Um verdadeiro trabalho de promoção social, não só dá o peixe, mas principalmente o ensina a pescar.



Angel Janer/SXC

Pelo dízimo nos sentimos co-responsável pela comunidade?

Sim, contribuir com o dízimo é sentir-se co-responsável por tudo o que diz respeito à igreja. Formamos um só corpo e não podemos viver separados uns dos outros. É juntos que devemos assumir os encargos e responsabilidades de nossa comunidade.

O dízimo ajuda a formar a comunidade?

Sim, contribuir com o dízimo é solidarizar-se com os demais membros da comunidade, com as demais comunidades da Paróquia e com as demais paróquias da Arquidiocese. O dízimo cria a comunhão na Família de Deus — a Igreja de Jesus e o povo.

O dízimo não é esmola?

O dízimo não pode ser esmola, mas se transforma em esmola quando o cristão contribuir com migalhas só para tapear a consciência e dizer que são dizimistas. Esmola é tudo aquilo que você dá a alguém que não pode lhe pagar, ou seja, tudo aquilo que você dá sem esperar de volta, ou ainda, dá para se livrar de quem pede.

É preciso punir os clientes de prostitutas, diz Vaticano

Agência Ecclesia

O VATICANO PEDIU nesta terça-feira aos países do mundo todo que aprovem leis de combate à “escravidão moderna” da prostituição, protegendo as mulheres da violência e punindo os clientes delas.

Um novo documento da Santa Sé afirmou que a exploração das mulheres tem origem em atividades como o tráfico de seres humanos e o turismo sexual. E que o problema deveria ser enfrentado de forma ampla.

“As vítimas da prostituição são seres humanos que, em muitos casos, clamam por ajuda, clamam para ser libertados da escravidão”, disse o documento elaborado pelo departamento do Vaticano que trata de questões envolvendo a migração.

“Os clientes também são pessoas com problemas profundos e, em certo sentido, também são escravos”, afirmou o texto.

“Uma medida eficiente no sentido de mudar culturalmente a forma como se encara a prostituição poderia ser adotada associando-se uma lei criminal com a condenação social.”

Instado a explicar esse trecho do documento, monsenhor Agostino Marchetto disse: “Acreditamos que deveria não apenas haver pro-

“As vítimas da prostituição são seres humanos que, em muitos casos, clamam por ajuda, clamam para ser libertados da escravidão”.

teção para as mulheres, mas também punição para os clientes.”

Segundo Marchetto, o Vaticano defendia leis semelhantes às adotadas na Suécia, que punem os clientes com penas de prisão e multas estipuladas com base em seus salários.

A seção do documento na qual se aborda o tema da prostituição, intitulada “Ministério Pastoral para a Libertação das Mulheres de Rua”, disse que os homens que recorrem às prostitutas deveriam estar cientes da “clara condenação (da Igreja) ao pecado e à injustiça que cometem.”

Em muitos países, entre os quais a Itália, os que pagam para ter relações sexuais com uma mulher não são punidos.

As leis italianas fazem vista grossa para a prostituição, punindo apenas os que “exploram” essa atividade, ou seja, os cafetões.



Sanja Gjenero/SXC

Nos últimos anos, vários políticos da União Europeia (UE) defenderam a proibição do sexo pago.

O número de prostitutas nas ruas das cidades italianas aumentou de forma dramática recentemente. Muitas das mulheres vêm de países antes pertencentes ao bloco soviético ou da Nigéria. E as autoridades afirmam que muitas são vítimas do tráfico de seres humanos.

“A prostituição é uma forma de escravidão moderna”, afirmou o documento do Vaticano, observando que o número de prostitutas no mundo havia aumentado bastante devido a um somatório

complexo de motivos sociais, econômicos e culturais.

“O importante é reconhecer que a exploração sexual e a prostituição ligadas a pessoas que traficam seres humanos são atos de violência que constituem uma ofensa à dignidade humana e uma séria violação dos direitos fundamentais”, disse o documento.

Segundo o texto, a Igreja deseja “o cumprimento das leis que protegem as mulheres do mal da prostituição e do tráfico de seres humanos”, mas também a adoção de medidas eficientes para impedir que as mulheres sejam retratadas de forma humilhante em peças de propaganda.

Gripe ou resfriado: existem realmente diferenças?

Dra. Mônica Gomes da Silva

NESTA ÉPOCA DO ANO é comum ouvirmos comentários acerca do grande número de pessoas “gripadas”... Além disso, discussões sobre a eficácia da vacina da gripe são frequentes nas rodas de conversa... Mas, o que há de verdade nisso?

Gripe e resfriado são realmente doenças diferentes. Enquanto a gripe é causada pelo vírus Influenza, o resfriado é consequência da infecção por vários vírus (*rinovírus*, *coronavírus*, *adenovírus* entre outros). O resfriado é na maioria das vezes uma doença mais branda, com a ocor-

As particularidades da gripe e do resfriado não se limitam aos agentes causadores e tampouco aos sintomas. Há ainda uma importante diferença: as complicações, ou seja, hospitalizações por doenças que podem ser pioradas pela gripe. Ao falarmos em complicações, a boa notícia é que há como preveni-las. Aí chegamos à discussão a respeito da tal vacina da gripe.

A vacina anti-gripal, como o próprio nome diz, previne gripe, ou seja, não impede a ocorrência do resfriado. Ao prevenir a gripe, evita as complicações. Como a gripe acontece no in-

Recomenda-se a todos os idosos e pacientes com várias doenças crônicas que recebam anualmente a vacina da gripe. Indivíduos mais jovens que tenham potencial de transmitir gripe para essas pessoas também devem ser vacinados.

rência dos sintomas de infecção de vias aéreas (tosse, rouquidão, obstrução nasal, coriza) e geralmente sem febre (definida por temperatura medida na axila, maior ou igual a 37,8° C). Já a gripe (que também pode ser chamada de Influenza) realmente incomoda o acometido: febre, mal-estar importante, dores musculares, além dos sintomas respiratórios, que podem acontecer no resfriado, fazem com que o indivíduo sint-se realmente doente.

verno, a vacina é dada no período que antecede a chamada “estação da gripe”, nos meses de abril e maio. O resfriado, por sua vez, pode acontecer durante o ano todo, até 3 a 6 vezes e em qualquer estação. Vale a pena lembrar que não existe vacina que previna o resfriado.

Recomenda-se a todos os idosos e pacientes com várias doenças crônicas que recebam anualmente a vacina da gripe. Indivíduos mais jovens que tenham potencial de transmitir gripe



para essas pessoas também devem ser vacinados. A vacina anti-gripal é segura (não causa gripe) e eficaz, ou seja, é realmente capaz de evitar a gripe. Mas atenção, ela não previne o resfriado. Sendo assim, se você começar a sentir os sintomas de alguma dessas infecções, procure o médico o mais breve possível, pois sendo gripe ou resfriado, os medicamentos que podem ajudar a acelerar o processo de cura têm maior eficácia, se iniciados dentro de 36 horas do início da doença. E, é claro, que além da avaliação médica e medicações específicas, repouso, líquidos e aquele chazinho da vovó também são bem-vindos.

Dra. Mônica Gomes da Silva é médica Neurologista e Infectologista do Centro Médico São Francisco e Hospital Nossa Senhora das Graças, Curitiba-PR.